

COSTA, Edil Silva. **Ensaio de malandragem e preguiça**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.

TEMPO DE MALANDRAGEM E PREGUIÇA. HISTÓRIAS E TRANSCRIÇÕES

Paulo César Souza García¹

Escrever este livro foi também um exercício de memória, de relembração, pois, ainda que contando com os dados documentais, os textos transcritos, as fotos, os vídeos, as anotações de campo, todo o tempo busquei também o que retive em minha memória dos pequenos mundos que achei/reencontrei. Pequenas histórias que, apesar de tantas vezes esquecidas, constroem nossa história.

Edil Costa

O livro *Ensaio de malandragem e preguiça*, de autoria de Edil Costa, exalta as histórias de vidas pautadas nas expressões da preguiça e da malandragem. No decorrer dos relatos, há um apurado exercício de escutas fundadas pelas experiências de sujeitos colhidas no espaço social à margem da metrópole, conferindo os quadros da cultura brasileira e como esses são focalizados nos interiores da nação.

Ao prescrever o roteiro da obra, a autora situa o percurso analítico, desde a época dos estudos de Pós-Graduação em Letras, quando desenvolve pesquisas sobre a literatura popular e as poéticas orais. Assim, o perfil da escrita ganha corpo ao reconfigurar a matriz cultural brasileira e ao transitar por locais periféricos, contrapondo os traços da alta cultura e deslocando-os frente às memórias de um povo, de gentes e de um local. Este perfil habita modos de fala e que deposita poder em cada gesto pessoal, em cada configuração do saber, em cada performance subjetiva, pois a visão crítica sobre as expressões de gente, de raça, de religiosidades, em cada foco de enunciação, marca as identidades e pluralidades do norte ao nordeste da nação tupiniquim.

Motivada por experiências de vidas que refletem passado e presente, por um critério de vertente da colônia e da sua desconstrução, os dados históricos são tomados para interpelar os discursos que enunciam e manifestam a diferença em domínios do social, não para somente ilustrá-la, mas para perceber como aí os sujeitos podem ser enunciadores e criadores de si. Melhor dizer,

¹ Doutor em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Professor da área de Estudos Literários da Licenciatura em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), DEDC II Alagoinhas/BA. E-mail: p.garcia@terra.com.br

dos que operam a todo instante a reinvenção de si próprios perante os traços que significam do malandro e da preguiça, assimilando a cultura do outro.

Entro em alguns pontos norteadores da obra que, segundo a autora Edil Costa, este livro “não é apenas uma ‘ode triunfal’ a um dos elementos que constitui o caráter da brasilianidade, tão complexo e tão chão. Seria muito fácil o apelo ao essencialismo, aos moldes de um romantismo desusado, dizendo que a malandragem e a preguiça são frutos de uma herança portuguesa corrompida com um laivo indígena festivo” (FERNANDES, 2015, p. 12). Para explorar uma literatura que configura a oralidade entremeada pelo popular, certamente, que historicizando os sentidos de herança, apesar de deixar claro que não se trata de apegos e reminiscências ao quórum da cultura de Portugal, os relatos se ressignificam na tessitura da obra diante de conceitos e rumores. As referências e trânsitos aos locais interioranos da nação e, por sua vez, da Bahia, tiveram sincronia com o aparato epistemológico de Doralice Alcoforado (*In memoriam*), a quem a estima, a quem se vê alimentada pela ótica da criadora.

O livro, que enseja a malandragem e a preguiça, apega-se às figuras imagéticas centrais do subalterno e as apresenta por escolhas dentro do produto textual dignas de escutas. Para além dos constructos identitários, as representações do malandro são consideradas na instância cíclica, como forma de captar os signos que as norteiam e distanciam-se de uma teia tradicional. A malandragem e a preguiça assenhoram da cultura do outro propositadamente para criticar as circunstâncias do seu tempo. Afloram nos tempos modernos, tendo em vista a não reprodução de atos normativos e disciplinados, colocando a serviço de digerir ações subjetivas equidistantes dos grandes centros fundacionais e com a proposta de disseminar os sinais que produzem as excentricidades dos sujeitos.

Por sua vez, a malandragem e a preguiça, aqui construídas, são arremessadas aos núcleos de imaginários em que o local põe em destaque as relações pessoais enraizadas e atreladas a histórias e memórias que cultivam. Nesse sentido, o texto pede passagem para a exterioridade, para fora de um real contemporâneo da metrópole e, quando reposicionadas as virtudes da malandragem e da preguiça com as inquietações de um tempo e de um espaço, elas guardam suas origens, as raízes, os afetos, as sensibilidades do contar, atualmente, tão inexpressivos nos contextos urbanos. Mas, persistentes nos interiores do Nordeste, as manifestações brotam e fazem viver nas diferenciáveis formas de vida.

Quer dizer, na instância da contemporaneidade, vai-se exercitando o modo de consolidar o popular, o folclore, a massa e a oralidade de acordo com a investigação a lugares em que as narrativas vão pedindo passagem e que vão sendo locadas e alteradas pelas expressividades de um tipo pessoal, a exemplo, a do sertanejo, a do indígena, a do mameluco, de gentes de uma comunidade quilombola, com todos e com todas circunstanciados/as aos seus apegos e afetos. Isso vale como imagens ou, da maneira como a autora enuncia, como textos que “se repetem infinitamente em narrativas de vastos territórios culturais e podem sofrer modificações” (COSTA, 2015, p. 22), ou melhor, de um escrito “que atesta que a tradição oral não é imutável e nem infensa aos caprichos e interesses dos narradores e ouvintes; eis o papel de movência do oral e a resultante dinamicidade do trabalho de campo, principal ferramenta desta obra” (FERNANDES, 2015, p. 12).

Portanto, os aspectos da cultura oral e popular são focos de discurso que se apoderam do espaço e do tempo para registrar e direcionar, também, o entorno de narrativas da nação. Narrativas que não somente visam a ser empreendidas em territórios deslocados, como também refletem a si mesmas nos capilares discursos que não se esgotam num dado relato, tendo nos índices do saber e poder o leitor trans-formar novas leituras. Aí a nação, entremeada de malandragens e sujeita ao vigor da preguiça, permite ser visualizada pelos elos de uma narrativa que reconstrói passados e dissemina as esferas do presente, do presente frutificado nas diversas faces da memória, não para repeti-la como saudosista, mas para preservar os seus signos, seus índices e imagens que reestruturam valores humanos, sociais e culturais de um local. Narrar, em particular, o mito ganha estatuto de quem conta um conto, ganha muito mais por “[...] dizer quem se é, de onde se fala e o que se quer tornar público a respeito de um determinado grupo ou indivíduo” (COSTA, 2015, p. 25).

Quer dizer, a riqueza de um local se oferece no contar suas histórias, em formar sujeitos que experienciam saberes, enunciam e como os enunciam, assimilam a cultura das margens para se diferenciar, tornando-se diverso das culturas reprodutivas e, com as posições do popular, das matérias-primas que são pertinentes para permitir ver e ser afetado pelas linguagens que as atravessam. Assim, a poética oral é o mote da produção do livro. Pode-se dizer, é o produto cultural de mais valia, melhor, de discursos que, aqui, apresentam e precisam o modo de empreender as subjetividades subalternizadas, mas religadas com as origens, com saberes plurais que se constroem com a tradição, sem deixar de ser ultrapassado.

Creio que o pensamento externado por Edil Costa se vale de um gene cultural e, com ele, recolhe os reflexos que condicionam rever e reposicionar a nacionalidade nordestina, tendo em consideração os sentidos que entremeiam o lugar em que se movem a preguiça e malandragem para além das identidades aí constituídas em diversas paragens. Ao pensar como as nações ditas orais são tão díspares no exercício de cultivar o que se institui e o que se destitui, o que se desconstrói para ver o popular de um modo e não de outro, os ensaios a que o livro se propõe mostram-se em um plano ímpar de debates fecundos, priorizando, falas, ditos, símbolos, imagens e grafias de vidas apresentadas.

Nos preâmbulos dos territórios da nação do imaginário brasileiro, é preciso reler por onde o outro não diz. Dimensionar os bens culturais que se encontram em silêncio e no silenciamento. Se a oralidade é um dispositivo que luta contra as resistências, as normas e padrão da escrita, é porque adentra no jogo da estética e politiza-se na singularidade de ser sujeito. As poéticas orais são práticas em movimento do devir-sujeito. É nessa constituição que a obra tem elencado questões que desbravam os choques com o instituído, justamente, para entender como:

A partilha de bens culturais comuns mostra que as identidades se constroem em exercícios da memória, na repetição, reiteração de categorias que têm significado para a comunidade. Assim, é isso que forma e sustenta a tradição: a conservação de determinadas categorias significantes para a comunidade e que se constitui um forte indicador de coesão social. (COSTA, 2015, p. 24)

Chama a atenção o livro da preguiça e da malandragem o respaldo que enseja para os deslocamentos de sentidos, não somente os viesados pela autora da obra, mas pela ótica do leitor que pode entreter-se com os saberes transversais, com o tempo, o senhor de pontos de chegada a lugares de coexistências, de diálogos que são enunciações na obra. Ao fazer locar percursos instigantes, mais críticos e ricos, a autora desconstrói os paradigmas, os estereótipos, as categorias estruturais da língua. Tudo que uma poética da oralidade visa com as alteridades culturais é se distanciar, se afastar de narrativas que minimizam e retardam o conhecimento que pede melhor passagem para rever e reaver outras posições, a partir dos recalcamientos primários, sejam estes reveladas no extrato da mestiçagem, sejam as que priorizam a interrelação e as misturas férteis com o afro-baiano e brasileiro.

É nessa esfera que o livro Ensaios de malandragem e preguiça mostra navegar pelas terras onde é possível con-viver com os outros, transitar nas híbridas histórias em que as figuras

malandras se destacam pela identidade façanha, bem típico das memórias cultuadas por *Macunaíma*, de Mario de Andrade, ou pelas histórias de contos nobres de Malazarte, cujo imaginário dilui as ordens e trafega nas mais longas jornadas frente ao desconhecido. Na ilustração bela e honrosa de Edil Costa, ganha quem lê este livro afixado pelos aportes da tradição focados em imagens de um herói que, sendo ou não o do preguiçoso, sendo ou não o do malandro, traça o seu enigma, procura os tempos perdidos para decifrar também o local das culturas em trechos que possam levar a ter um retrato em preto e branco e nele reconhecer as silenciadas vozes, todas elas requisitando escrituras carregadas de assimilações, menos constantes, mais intensas e mais reflexivas, reportando irremediavelmente para uma nação pluralizada e de multicores.

REFERÊNCIA

FERNANDEZ, José Guilherme dos Santos. Apresentação. **Ensaio de malandragem e preguiça**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.